

# Reposição de aulas não obedeceu ao calendário

DF - Educação

O semestre letivo da Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF) terminou sexta-feira, mas com uma certeza: não houve reposição total dos dias parados na greve. Tanto as escolas das cidades-satélites, Ceilândia e Taguatinga, como as escolas do Plano Piloto, apresentavam salas vazias e a desculpa para a falta do cumprimento do calendário de reposição, proposto pela FEDF para compensar os 13 dias perdidos com a greve dos professores, a FEDF precisou fazer um novo calendário escolar. "Precisávamos completar os 91 dias letivos no primeiro semestre, para que os alunos não fossem prejudicados", afirmou a diretora substituta do Departamento Geral de Pedagogia da FEDF, Aimoré Hazanha Abras. Segundo ela, o calendário escolar exige o cumprimento de 189 dias letivos e com a greve, esse número foi reduzido para 184. São 91 dias no primeiro semestre e 93 no segundo", afirmou.

## Orientação

O Sindicato dos Professores, em circular enviada a todos os colégios da FEDF, demonstrou opinião contrária à prorrogação das aulas e orientou os professores a entregar as avaliações dos alunos até o dia oito de julho. Na última semana, seriam desenvolvidos atividades fora do programa da Fundação. Alguns temas propostos pelo sindicato foram: a dívida externa, a reforma agrária e a organização sindical.

Já o diretor-executivo da FEDF e secretário de Educação, Fabio Bruno, foi enfático nas punições previstas caso os professores acatassem as orientações do Sindicato. Em documento enviado a todas as diretoras regionais de ensino, Fábio Bruno ameaçou aplicar penalidades como advertência, suspensão ou demissão por justa causa e desconto salarial dos educadores, inclusive do repouso remunerado.

## Escolas

Várias escolas do Distrito Federal foram percorridas e nenhuma estava repondo aulas, apesar de negarem estar descumprindo o calendário proposto pelo secretário

de Educação. No Centro Educacional 04 da Ceilândia, com turmas de 5ª a 8ª série, o apoio Jorge Simas afirmou que foram os alunos que boicotaram a reposição. "Eles fizeram assembléia e decidiram que o recesso era um direito deles, já que não haviam participado da greve".

No Complexo Escolar A da Ceilândia também não havia alunos, mas segundo a diretora Carmem Lúcia Caixeta, os professores deram aula normalmente até sexta-feira. "Ontem (6ª feira) o colégio estava vazio porque houve comemoração pela inauguração do nosso grêmio, e hoje (ontem) tivemos conselho de classe. Mas na última semana de cada semestre é normal os alunos não comparecerem", afirmou. No centro Educacional Ave Branca, em Taguatinga, os professores aplicaram todas as provas na semana passada e reservaram os últimos cinco dias ao conselho de classe. "Cada professor cumpriu seu programa como determinou a FEDF", afirmou o professor Agostinho Lopes.

No Colégio Polivalente, no Plano Piloto, os alunos foram dispensados no dia oito de julho, mas segundo uma professora que não quis se identificar, nem todos os educadores haviam entrado em greve, e por isso foi possível recuperar as aulas antes do prazo previsto. "Os professores que deram aula na greve cederam os horários aos que participaram da paralisação", afirmou. A mesma estória foi confirmada por professores de outros colégios.

## Insatisfação

A Metropolitana dos Estudantes Secundaristas (Umesb) discorda das afirmações dos professores. "Não tivemos reposição nenhuma e mais uma vez, os alunos foram prejudicados, afirmou o diretor da Umesb, Antônio Donizete. Segundo ele, entre os dias de paralisação dos professores e dos rodoviários, os alunos perderam 22 dias de aula. "Já temos o menor calendário de aulas do mundo e ainda temos que passar por isso", reclamou.